



Ano XXXIII - Nº 329 - Agosto - 2020 Joinville - SC

JORNAL DA EDUCAÇÃO

ISSN 2237-2164

IMPRESSO

Exemplar de assinante/anunciante

www.jornaldaeducacao.inf.br

Em tempos de pandemia

Professor é o protagonista do processo do ensino e os alunos da aprendizagem



Professora da educação Infantil grava as atividades para os familiares fazerem com os pequenos. Vale registrar que a maioria dos professores de CEIs privados tiveram, em média, redução de 50% da carga horária e de salários.

A professora Vanessa Bittencourt, atua em turmas da educação infantil, num escola comunitária de Joinville. Seus dois filhos estudam em escola privada que iniciou as aulas online somente dois dias após o início da pandemia.

A família teve que se adaptar a nova rotina e entre os desafios, superar a preocupação dos pais com a saúde dos filhos e a queda na renda familiar.



Em Ilhota, Maicon A. Mannrich auxilia a filha Maria Helena a fazer as atividades escolares. A família gosta de participar dos vídeos de avaliação quando os professores solicitam.

A Secretaria de Educação de Joinville finalizou o protocolo de retorno presencial às salas de aula da rede municipal. A data de referência da volta das atividades parciais em sala de aula é a partir do dia 13 de outubro, conforme previsão anunciada pelo Governo do Estado.

O retorno será gradual, atingindo 30% dos estudantes matriculados em cada turma e o atendimento diário terá carga reduzida de duas horas por período. Todos os alunos retornarão de forma híbrida, com o número de crianças atendidas presencialmente ampliando-se de forma progressiva até atingir 24,5 mil alunos semanalmente.

Leia mais nas páginas internas

Aulas via internet, hábitos de estudar em casa e maior participação dos pais na vida escolar devem se incorporar ao cotidiano escolar

Em tempos de pandemia a humanidade vive um dia de cada vez. Não por acaso, esta é a regra número um dos grupos de recuperação de viciados.

O medo do ilustre desconhecido, o Coronavírus – Covid-19, paralisou parcela significativa da população mundial e faz com que os seres humanos convivam com a incômoda sensação de impotência. As mudanças são drásticas e diárias.

Medo justificado pela história recente das descobertas da medicina. Especialmente as em relação as consequências da ação de vírus e sua capacidade de mutação, ao instalar-se constante no corpo humano.

O Chikungunya, um arbovírus transmitido por picadas do Aedes Aegypti ou carrapatos, até então considerado inofensivo, mostrou-se potencialmente destrutivo do sistema neurológico de fetos, por exemplo.

Ou seja, apesar de estudado por milhares de cientistas, não há como prever as consequências do novo vírus na saúde humana a médio e longo prazo.

Até o momento, já se sabe que há três diferentes cepas em circulação pelo Brasil. Todas vindas da Europa. E que foi no Brasil o primeiro registro da perda do olfato e do paladar como sintoma.

Sabe-se ainda que a Covid-19 pode ser letal para todos os seres humanos, independe da classe social, condição previa de saúde, da condição intelectual, cultural ou mesmo da idade.

Talvez a grande aprendizagem decorrente do isolamento social tenha sido perceber que precisamos de muito pouco para viver e ser felizes. E que precisamos nos adaptar aos novos tempos.

Aos poucos, os humanos viciados na velocidade da fibra ótica e na “realidade” exposta nas redes sociais, tivemos que fazer uma parada obrigatória, mergulhar fundo no próprio universo interior e aprender a conviver consigo mesmo e com os familiares e com a mudança repentina e contínua da rotina.

Confinadas em casas, as pessoas (re) descobriram-se cozinheiras, faxineiras, arrumadeiras, lavadeira e pas-

sadeira de máscaras, jardineiras da própria plantação...

Na grande maioria dos lares, a principal aprendizagem foi conviver com a família 24 horas por dia.

A situação ainda é transitória após seis meses de confinamento. Todos estamos impossibilitados de fazer qualquer previsão de futuro seja em longevidade, seja em condição financeira e econômica, independente de raça, cor, posição social ou mesmo intelectual. Nos resta apenas viver um dia após o outro.

Há seis meses, as pessoas no mundo todo priorizam e agradecem diariamente por estarem vivos. E como se fossem integrantes de um grupo de viciados em recuperação (AA): só por hoje.

Uma partícula invisível a olho nu tirou professores e alunos do ambiente escolar e os levou para dentro de casa juntamente com o trabalho dos demais familiares.

E agora, ao mesmo tempo em que cada membro da família cuida da saúde do outro, todos aprendem as lições escolares passadas pelas professoras e professores aos estudantes. Ou seja, todos aprendem e todos ensinam e descobrem mais de si e dos demais membros da família.

Em casa, a família está voltada a garantir que as crianças, adolescentes e jovens, consigam estudar. Aprender não é somente um meio de adquirir conhecimento científico, mas também de manter a saúde mental e alguma esperança de que a sociedade dará conta de seus integrantes no futuro.

De certo mesmo, só a convicção de que teremos de aprender a conviver com o vírus, com as mudanças que ele impõe sobre o trabalho, os estudos, a convivência familiar e social, e até mesmo a vida íntima de cada um.

O (não) movimento é o mesmo no mundo inteiro, independente de classe social, nível cultural ou de escolaridade da população. Ninguém previu e ainda não consegue prever o dia de amanhã. Mas é certo que teremos de incorporar alguns hábitos de prevenção e higiene ao nosso cotidiano.

O ensino remoto e o online, com certeza continuarão.

Afinal, descobriu-se que a internet é uma grande aliada do professor e dos estudantes na aprendizagem. E se antes a discussão era a excessiva exposição dos pequenos às telas, agora a preocupação é como conciliar o excesso de tempo dentro de casa, com a necessária exposição ao sol.

O principal veículo do ensino remoto deixou de ser um vilão. Já se sabe que tudo depende de como a internet é usada.

Outro hábito que deve permanecer é o da participação maior dos familiares na vida escolar de seus filhos. As atividades físicas online também devem continuar no pós pandemia.

Neste mês em que o Jornal da Educação completa 34 anos de circulação ininterrupta, registramos a maior de todas as mudanças abruptas dos sistemas educacionais de nossa história.

Em três décadas, registramos inúmeras mudanças na maneira de ensinar, nas relações entre professores x alunos x família e, principalmente, entre os profissionais da educação e os governantes.

Na primeira edição, em agosto de 1987, o título de uma das reportagens era “MUDANÇAS - Todos falam e aceitam, mas ninguém as pratica!”. Ela reporta a tempos não tão difíceis como os atuais, mas igualmente de mudanças.

Naquele momento, o sistema escolar era composto basicamente por escolas estaduais e os professores tinham que fazer praticamente tudo, pois não havia bibliotecas escolares, nem cursos para professores e telefone fixo nas escolas era luxo.

Muita coisa mudou em três décadas, mas como é natural, as pessoas continuam resistindo às mudanças. Mas há situações que guardam semelhanças, como o protagonismo do professor no processo do ensino e dos alunos na aprendizagem.

Assim como na década de 80, os professores voltaram a ser os responsáveis pela preparação das aulas e pela busca de recursos didáticos.

Para conseguir que os alunos aprendessem, era necessário buscar o auxílio dos colegas, pois não havia cursos, congressos e seminário. A

quase totalidade das escolas públicas eram da rede estadual e a coordenação pedagógica centralizada na capital.

A ajuda mútua, especialmente entre os profissionais que atuavam na mesma escola ou disciplina, era a principal estratégia de ensino. Deste modo, sobressaíam-se as iniciativas individuais.

Somente 67% das crianças de 7 a 14 anos estava frequentando a escola e as famílias das que conseguiram vagas, participavam ativamente da vida escolar e, muitas vezes, eram essas famílias que, em mutirão construíam salas de aula, parques e hortas nas escolas.

Vale lembrar que somente no final da década de 1990, o Brasil conseguiu “universalizar o ensino básico” para mais de 90% de suas crianças desta faixa etária.

Ao longo destas três décadas, o JE reportou mudanças profundas tanto na legislação educacional, quanto no relacionamento escola x comunidade x professores x alunos. Mas seguramente, as edições deste ano de 2020, reportam as mais drásticas mudanças no modo de ensinar e de aprender aplicadas em tempo recorde de seis meses.

Assim como aconteceu em todo o mundo, todos tivemos que acatar, nos adaptar, aceitar e, principalmente, praticar as mudanças impostas pela pandemia.

Na década de 80, os professores eram os principais responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem e tinham também a respeitabilidade dos alunos, pais e sociedade. Apesar de sequer terem com quem conversar a respeito de seu fazer pedagógico.

Hoje, as famílias voltaram a vivenciar a vida escolar e, esta é talvez a mais importante das mudanças que continuarão. O uso das tecnologia para aproximar a escola e os pais é outra inovação que deve continuar. Podemos concluir, afinal que “há males que vem para bem”.

EXPEDIENTE

JE

Ano XXXIV - Nº 329
Agosto de 2020

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Mária Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164 (Impresso)
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: Grafnorite
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

* Antonella Bongarra Nunes é Membro do Conselho Diretivo da Escola Cristã Reverend Orlavo Nunes

Cientistas gaúchos criam teste de testagem da imunidade à COVID-19

Teste inédito altamente preciso para a COVID-19 pode ser alternativa para a retomada segura das atividades econômicas



O número de casos de COVID-19 segue crescendo no Brasil, preocupando as autoridades. A ampla testagem da população, com método eficaz, é um dos caminhos apontados por especialistas para que a retomada das atividades seja mantida de forma segura. Porém, a maioria dos testes disponíveis no mercado até então identifica se a pessoa está infectada, mas não se já adquiriu imunidade à doença.

No entanto, um teste inovador, desenvolvido por cientistas do Rio Grande do Sul, pode mudar o paradigma de enfrentamento à pandemia, uma vez que pode identificar indivíduos que apresentam imunidade e, portanto, poderiam retornar às suas atividades com mais segurança. O exame deve ser coletado cerca de 15 dias após primeiro contato com pessoas confirmadas por RT-PCR para Sars-CoV-2.

O teste laboratorial desenvolvido pela empresa Imunobiotech é capaz de identificar e quantificar a presença de anticorpos tipo IgG, contra a proteína S total, que é responsável pela entrada do Coronavírus nas células. Este teste permite saber quem já esteve em contato com o vírus, e se desenvolveu imunidade ao mesmo.

Devido ao impacto global desta tecnologia, a Imunobiotech depositou o registro de patente no United States Patent and Trademark Office (USTPO), nos Estados Unidos, o pedido deverá ser estendido para outros países - inclusive para o Brasil, através do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), órgão governamental brasileiro de registro de patentes. O registro desta patente refere-se a características dos antígenos para detectar e/ou gerar anticorpos contra o Sars-CoV-2 e métodos, ensaios e vacinas relacionados, compreendendo os mesmos.

O teste já está disponível em diversas cidades do país, através de laboratórios parceiros. “É importante ressaltar que empresas podem realizar este exame em seus funcio-

nários e parceiros para tentar identificar pessoas que tiveram contato como vírus e que desenvolveram imunidade ao mesmo.

Desta forma, podendo criar um ambiente de maior segurança para o retorno das atividades, mantendo ainda as medidas de segurança”, explica Alberto Stein, médico que trabalhou no desenvolvimento do projeto. Ele afirma que a rede de laboratórios parceiros está sendo ampliada, mas empresas interessadas podem contatar diretamente a Imunobiotech e se informar sobre os procedimentos.

Como funciona o exame?

O teste é realizado a partir de uma amostra de sangue, analisada em laboratório, determinando e quantificando a presença destes anticorpos que reagem contra a proteína S inteira e na conformação tridimensional. Este fator é extremamente importante, visto que a maioria dos testes imunológicos disponíveis hoje no mercado não quantificam o nível de anticorpos contra a proteína S (pois eles avaliam anticorpos contra a proteína N), e nem avaliam a possibilidade de imunidade contra o vírus.

Qual é a diferença deste teste em relação aos testes rápidos?

Os testes rápidos produzem resultado a partir da identificação de anticorpos contra a proteína N, da COVID-19. Essa proteína encontra-se no interior do Coronavírus e sinaliza que a pessoa teve contato com o vírus, mas não dá informação sobre a imunidade contra ele, porque estes anticorpos contra a proteína N não são neutralizantes.

Já o teste inovador é capaz de identificar e quantificar a presença de anticorpos que reagem contra a proteína S da COVID-19, que é responsável pela entrada do Coronavírus nas células. Ou seja, este teste permite identificar e quantificar a imunidade de cada pessoa com relação à doença.



Fabiana Ferreira Martins¹

Nos últimos meses, a pandemia do COVID-19, um novo coronavírus, vem impactando a realidade humana e demandando formas alternativas de atuar no cotidiano. Neste cenário, a partir das políticas públicas de saúde adotadas no país, as atividades sociais, laborais e educacionais foram se constituindo dentro do ambiente doméstico com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Nesse imbricado de incertezas educacionais, se encontra a Educação de Jovens e Adultos do sistema carcerário brasileiro em que adultos/as e jovens estão isolados/as intramuros.

Neste cenário pandêmico concluí o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC, com a defesa do estudo intitulado “Vestígios das Práticas de Leitura dos Apenados da Penitenciária da Pedra Grande em Florianópolis (1941-1945)”, hoje Penitenciária de Florianópolis.

O estudo investigou práticas de leituras de apenados que frequentavam a escola e

moral e bons costumes. Neste sentido, as autoridades constituídas entendiam que a instrução do condenado interessava mais à sua regeneração que ao ensino escolar geral em si.

As percepções anotadas pelos apenados sobre suas leituras em fichas funcionavam como instrumento de avaliação de sua índole, ou seja, constituíam rastros de possíveis condutas regenerativas para abastecer os relatórios de livramento de condicional para a redução da pena do sentenciado.

Com o aumento progressivo da população carcerária, a frequência à escola também cresceu. Dessa forma, após a reforma da penitenciária em 1938, o diretor Edelvito Campelo D’Araújo solicitou ao governador Nereu Ramos a nomeação de mais um professor e a criação da seção educacional, subordinada à direção da penitenciária, já que a subordinação direta dessa escola ao Departamento de Educação tivera, por consequência, a não fiscalização nem por inspetor, fato este

UMA ESCOLA CONFINADA



Sala de aula da Penitenciária de Florianópolis (1940)

a biblioteca dessa instituição prisional. A escola da penitenciária seguia o programa das escolas isoladas do estado de Santa Catarina e as aulas eram ministradas por acadêmicos de direito. E revela que a frequência escolar era obrigatória e que nenhum sentenciado podia se furtar a frequentá-la, salvo os de idade avançada e os de mau comportamento e a direção da penitenciária via a escola como essencial à regeneração do sentenciado.

A investigação aponta que a escola e a biblioteca enquanto instituições educativas, fomentavam a leitura de obras estimadas de valor moral e a prática da boa escrita em fichas de leituras que acompanhavam os livros retirados semanalmente da biblioteca prisional.

Destaca-se que não se tratava de obras de estudos, mas sim obras de ficção,

oposto ao determinado no Regulamento do Departamento de Educação.

Ao analisar a fotografia da escola da Penitenciária de Florianópolis, datada de 1940, observamos uma ampla sala, sem grades, com os mobiliários comuns às demais escolas do estado de Santa Catarina no período – carteiras duplas em madeira, que condicionavam movimentos e posturas; quadro negro ao alcance dos olhos; um armário de madeira, que supostamente acondicionava o material escolar; uma mesa forrada com toalha e ornada com um vaso de flores, que remetia à leveza do ambiente. Essa escola estava confinada, mas integrada ao sistema de ensino catarinense.

1* Fabiana Ferreira Martins é graduada em Pedagogia pela USJ e mestre em Educação pela UDESC.

Norberto Dallabrida * Professor da UDESC e autor de "Ensino secundário público e de qualidade no antigo Instituto de Educação: Florianópolis, 1947-1963 (Editora da UDESC/Dois por Quatro Editora, 2017) - E-mail:norbertodallabrida@gmail.com



Considera-se contrato de aprendizagem, o contrato de trabalho pactuado por escrito e por prazo determinado, com durabilidade máxima de 02 (dois) anos, realizado entre a empresa e o maior de 14 (quatorze) anos e o menor de 24 (vinte e quatro) anos de idade, exceto para o caso de aprendizes com deficiência, aos quais não se aplica o limite de idade para a contratação.

A contratação de aprendizes tem a finalidade de contribuir principalmente, para que estes jovens tenham a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, bem como contribui para a formação de mão-de-obra de qualidade, a qual é cada vez mais necessária para o desenvolvimento das empresas.

A Consolidação das Leis do Trabalho, em seu artigo 429, caput, prevê que empresas de qualquer natureza, estão obrigadas a



Provisória nº 936/2020, a qual foi posteriormente convertida na Lei nº 14.020/2020, prevendo a possibilidade de suspensão dos contratos de trabalho e redução proporcional da jornada de trabalho e salário, pelo período de até 180 (cento e oitenta) dias, sendo

Contrato de Aprendizagem e a pandemia

Por Karla Borcate*

empregar número de aprendizes equivalente a no mínimo 5% e no máximo 15% dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento da empresa, cujas funções demandem formação profissional.

Entretanto, empresas de pequeno porte e microempresas são dispensadas de empregar aprendizes, sendo assim, a contratação facultativa. São excluídos da cota de aprendizes as funções que exigem formação de nível técnico ou superior e os cargos de direção, gerência ou de confiança, bem como os empregados em regime de trabalho temporário e os aprendizes já contratados.

Destaca-se que as empresas devem priorizar a contratação de jovens entre 14 (quatorze) e 18 (dezoito) anos de idade, sendo vedado à estes o trabalho noturno, em locais insalubres, perigosos ou prejudiciais a sua moralidade, bem como o trabalho em ruas, praças e logradouros públicos.

Ainda, diante da pandemia do corona vírus que nos encontramos vivenciando, foi criado o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda, instituído inicialmente pela Medida

Yolanda Robert — Advogada especialista em direito do trabalho (OAB/SC 20.852), diretora jurídica da Associação Brasileira de Recurso Humanos - filial de Joinville e administradora do escritório Robert Advocacia e Consultoria.

* **Karla Borcate** é advogada e consultora trabalhista

Em tempos de 'homeschooling forçado'...

Com a palavra a professora

Professora: **Vanessa Bittencourt**, 19 anos de magistério.
Turma: Educação Infantil, Colégio Silóé, Joinville.

"A pandemia do coronavírus forçou uma reinvenção por parte dos professores e gestores em relação a novos métodos de aplicação de aulas. Com o fechamento das escolas, tivemos que nos acostumar com câmeras, edição de imagens, videoaulas, e pensar em atividades que possam ser executadas em casa com a família. Lembramos que os pais também estão de home office.

Os desafios foram enormes, primeiro buscar treinamento para usar as ferramentas para ministrar aulas online. A escola disponibilizou um curso de dois dias com uma consultora da google. Foi importante e esclarecedor. Conhe-

as famílias no que for preciso. Sou professora de educação infantil da rede privada de Joinville, jamais pensei que poderíamos ensinar a distância, principalmente para os pequenos. Minha turma tem entre 5 a 6 anos.

No início, as aulas online foram difíceis. Todos queriam falar ao mesmo tempo, queriam mostrar todos os brinquedos da casa e seus bichinhos de estimação. Com o tempo, combinados precisaram ser criados para uma boa convivência virtual.

As crianças são muito espertas, logo pegaram o jeito, mas o tempo de concentração é curto, então, aulas criativas e dinâmicas precisaram

o método utilizado para a alfabetização dos pequenos.

Perguntas começaram a surgir, então o professor passou a dar consultoria também aos pais. "Prof. ele está escrevendo espelhado, e agora, o que eu faço, corrijo ou não?". "Não quer fazer as atividades, só brincar". A escola passou a dar assistência para as famílias no ensino em casa e está fazendo um ótimo trabalho.

Em meio à experiência que o mundo todo está vivendo, ainda não é possível mensurar o impacto do distanciamento social em nossas vidas. É fato, porém, que o estresse, a ansiedade e a angústia são sentimentos que muitos de nós



DESAFIOS: APRENDER - PLANEJAR - AVALIAR

cer as ferramentas foi o primeiro passo para esta nova modalidade de ensino - EAD.

O segundo desafio é planejar e proporcionar atividades atrativas para os alunos. E terceiro e principal, estudar meios de

avaliar os alunos e medir se realmente estão aprendendo com o ensino a distância. Sem dúvida, neste momento eu, como todos os professores, estamos trabalhando mais do que antes da pandemia.

Tenho ido para a escola no período da tarde para aulas online, mas em outros horário estou disponível para tirar dúvidas, receber as tarefas, fazer cursos, planejar etc. Estamos tentando de tudo para diminuir os impactos da pandemia e ajudar

ser elaboras. Observo também que os alunos que participam diariamente das aulas online, não saíram prejudicados e estão aprendendo todos os conteúdos que seriam repassados em sala. O ensino está acontecendo.

Na aula online com os pequenos, em geral, os pais precisam estar juntos para ajudar a usar o computador. É novidade para o professor, acostumado a assumir a educação da criança na escola. Normalmente a intervenção era feita somente pela professora, em sala, tivemos que nos adaptar e os pais assumiram também este papel.

O interessante é que os pais ficaram mais próximos da educação dos filhos neste momento. Muitas vezes em saber, por exemplo, qual

estamos experimentando, incluindo as crianças. Muitas vezes de forma inconsciente, mas que se expressam em momentos de agitação, raiva, impaciência e distúrbios de sono.

O difícil, com certeza, é a **saudades**, sofremos com o distanciamento social. Sentimos falta da rotina, dos amigos, das brincadeiras, risos e gritinhos. Principalmente de estar em sala de aula no convívio diário com os alunos.

A sala de aula é uma troca de saberes, ao mesmo tempo que ensinamos, aprendemos muitos com os alunos. Os beijinhos, abraços e as palavras de carinho fazem muita falta. Certos de que sairemos mais fortalecidos, seguimos confiando em Deus, e tudo vai ficar bem".



O pai Maicon recebe as atividades no whats e auxilia a filha Maria Helena.

Com a palavra OS pais...

Pai- **Maicon A. Mannrich**
Filha - **Maria Helena Campelo Mannrich**, aluna do 3º Ano, da Escola Municipal Domingos José Machado, localizada no bairro Ilhotinha, Ilhota (SC)

"As atividades do dia a dia são passadas pelo aplicativo WhatsApp. Os trabalhos e provas temos que ir lá na escola buscar. Devemos bater foto fazendo as atividades juntos e mandar.

Eu acho legal as atividades de educação física do professor Marcelo Félix. Ele pede para filmar a atividade e os pais devem aparecer junto. Na última atividade, ele pediu para fazer uma rima. Então, a Maria estava fazendo a rima e eu tive que dançar atrás dela. O legal

é que o professor tem um canal no YouTube e sempre pede autorização para publicar as atividades mais criativas dos seus alunos.

As outras disciplinas como português, matemática, história, geografia eu detesto ajudar, porque tem muita coisa que eu não lembro. Então, sou obrigado a pesquisar na internet. A Maria fica brava. Ela não entende: 'como você não sabe pai, que vergonha', fala.

A Maria não gosta de estudar em casa, porque a professora dela tem mais paciência para ensinar, não precisa procurar na internet e sempre responde as perguntas dela com certeza. Falou ainda que está morrendo de saudade das amigas, das brincadeiras e das conversas no Recreio".

Dificuldades com as aulas online

"Principalmente para pais de adolescentes, que é o nosso caso, que sempre buscamos tirar os filhos da frente do computador; a pandemia só fez com que eles se voltassem ainda mais para a tecnologia. Passaram a ter dupla jornada em frente ao computador, uma de tarefas escolares e outra de lazer. Chegando a ficar até 12 horas", registrou **Vanessa** e seu marido **Gladionor Ramos**.

"Precisamos estabelecer uma nova rotina e organizar a casa. Primeiramente adaptar e preparar o ambiente para que as aulas online acontecessem. "Muitas foram as dificuldades e desafios. Tivemos que disponibilizar equipamentos para atender os dois filhos que teriam aulas no mesmo horário.

Outra dificuldade foi a qualidade do sinal da internet. "As empresas não tem capacidade para fornecer o que cobram. O sinal cai e a criança fica sem assistir a aula, ou às vezes sem fazer a avaliação".

"Nós dois não estávamos em homeoffice. Então eles tiveram que se virar sozinhos. "As vezes não

tinham alguns materiais em casa e as atividades se acumulavam. Mas faz parte", acrescentam.

"A escola foi super atenciosa com toda esta mudança na modalidade de ensino, nos auxiliando com as nossas dúvidas e anseios. Todo mês recebemos um informativo dos gestores por e-mail com os direcionamentos. Nos proporcionaram também uma reunião de pais pelo meeting, com o objetivo de escutar nossa opinião em relação as aulas e sobre as condutas de retorno às aulas presenciais. A reunião foi com as três turmas dos sextos anos, a participação foi de 144 pais, e fosse presencial acredito que não teria adesão", registram.

"Mesmo com todos estes desafios que estamos enfrentamos preferimos os nossos filhos com aulas em casa, sentimos mais segurança em relação a sua saúde. Temos um filho no grupo de risco e o outro que precisaria de transporte público para se deslocar até a escola. Sabemos que eles precisam de contato com pessoas, mas acreditamos não ser o momento ainda", finalizam.



Continuo, neste mês, a descrever as impressões de ser psicólogo escolar na Rede Pública Municipal, atuando dentro de uma escola da periferia de João Pessoa, contrastando com a atuação que tive nos 17 anos iniciais de carreira, na mesma área, mas em escolas particulares, como Consultor em Psicologia Escolar. No mês passado, apresentei aos leitores um pouco da minha experiência como pai de aluno de escola pública (por 2 meses) e como psicólogo escolar efetivo e como foi a minha chegada à Rede Pública, agora como profissional concursado.

Sempre trabalhei como psicólogo consultor institucional, paralelamente à minha função de psicoterapeuta e neuropsicólogo, chamado para trabalhar em escolas particulares e nas redes municipais e estaduais pelos próprios gestores municipais,

dos equipamentos e recursos.

Em poucas horas, no meu primeiro dia como servidor público, no cargo e função de psicólogo escolar, comecei a constatar que não basta apenas ter os profissionais e pagar a estes um valor justo: é necessário apoio de equipamento, cursos, diálogos com os pares de outras escolas, com outros profissionais, consciência da função, um espaço adequado. Por mais boa vontade que meus diretores tivessem, a situação de falta de estrutura estava além do alcance da comunidade escolar.

Comecei a entender que a burocracia e a falta de conhecimento das equipes que gerenciam a Educação é crucial para a existência de lacunas que prejudicam o desempenho das boas práticas educacionais ou para a realização de um trabalho eficaz que venha a gerar avan-

para o país progredir.

Muitos municípios contam com psicopedagogos institucionais nas escolas ou presentes nas secretarias de Educação. Na verdade, a maioria são pedagogos especialistas em Psicopedagogia, profissionais que carecem (assim como os psicólogos escolares) de clareamento de suas funções para não esbarrarem nas lidas e atribuições dos psicólogos e psicólogas escolares, quando estes tiverem de ser contratados.

A questão é simples: ou se normatizam as funções e a estrutura para as boas práticas da Psicologia Escolar nas unidades de ensino, com determinações federais de remuneração justa e uniformidade de atribuições, ou a Psicologia nas escolas corre o risco de ser parte do caos educacional e colaborar, involuntariamente, para a perpetuação

PSICOLOGIA ESCOLAR!

Uma conquista, mas com estrutura e valorização.
Parte 2 - Minha Experiência Inicial - De Santa Catarina à Paraíba

sendo remunerado, contando com recursos e apoio e não tendo relação contínua e efetiva com a comunidade escolar.

A realidade era outra! Agora, me vejo sendo um psicólogo escolar, de uma cidade grande e até certo ponto, bem organizada e que investiu na Educação e na melhoria salarial dos profissionais da área, mas com muitas mazelas políticas e sociais, muitos cargos desnecessários, de favores políticos dentro das unidades. Mesmo com minhas reservas a baixar minha empregabilidade, foi assim que assumi a vaga no serviço público.

Uma realidade que se provou muito distante daqueles sonhos de estudante ou do profissional idealista, que escrevia artigos a partir de experiências específicas e de uma atuação bem estruturada, sob demanda, que até então treinava professores das redes públicas, mas não vivenciava o interior destas escolas. Era impensável haver a presença do psicólogo escolar e não haver estrutura de trabalho. Para mim, tudo era invisível nas escolas onde prestava consultoria: era entrar, analisar, diagnosticar, propor mudanças, implantar inovações, treinar profissionais e partir para outra escola. Não via o caos que seria se eu não dispusesse dos devi-

dos problemas que se propõe a eliminar.

Mas esse desconhecimento não é a única causa: a falta de diálogo na construção do orçamento da Educação, a pouca ou nenhuma representatividade de psicólogos escolares em cargos de planejamento da Educação, a ausência do apoio necessário vindo de cada Conselho Regional, que poderia fiscalizar a atuação, orientar, denunciar a falta de estrutura (como os conselhos de Medicina, Enfermagem, Odontologia e a Ordem dos Advogados atuam quando seus profissionais encontram adversidades) e tantas omissões sistêmicas fazem com que a maioria dos municípios não encontrem razões para contratar estes profissionais.

Não há, no atual modelo de gestão da Educação, em estados e municípios, possibilidades de que se venha a ter melhorias com a implantação do projeto (recentemente aprovado) que determina que escolas públicas de todo o Brasil tenham psicólogos e psicólogas escolares nas unidades de ensino. Ou se modifica a forma de gerenciamento de verbas e de políticas públicas, do micro para o macro, ou nem com um milhão de profissionais de todas as áreas conseguirão a melhoria educacional necessária

É necessária a descrição de leis e instruções vindas dos Conselhos Regionais (ou do Conselho Federal) e do Ministério Público ou aqueles que mais precisam da Psicologia Escolar, jamais terão acessos a serviços de qualidade.

A solução é a mobilização dos profissionais da área, que desenvolvam projetos e frentes de divulgação das funções e da importância da Psicologia Escolar nas boas práticas de gestão escolar.

Somente com a plena divulgação para os demais educadores e à classe política, unicamente com o esclarecimento de toda a comunidade escolar, onde nós profissionais da Psicologia Escolar possamos evidenciar a elevação dos resultados dos índices de qualidade educacional como ajuda de nosso trabalho, os profissionais da Psicologia conseguirão exercer seu papel transformador na sociedade, abrirão campos de trabalho com a estrutura necessária, com a devida valorização da classe e poderão ajudar aos que mais precisa: os alunos e educadores das redes públicas de ensino no Brasil.

* **Gilmar de Oliveira**, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura. E-mail: psicogilmar@gmail.com

@psicogilmar-fa
facebook.com/psicogilmar



Numa antiga canção do grupo Só pra Contrariar ouvimos o emblemático verso: “Eu troco a liberdade pelo teu perdão”. Quantas mulheres e homens ouviram essa frase, ditas por enamorados arrependidos de traições querendo voltar ao ninho, mesmo sabendo que perderiam a liberdade do lado de lá? Seria, portanto, o envolvimento amoroso uma prisão? “A liberdade da sociedade americana deixava Tocqueville [pensador francês, 1805 —1859] impressionado, mas ele dizia que viver liberdade é mais complicado, pois temos que ter regras” (<https://www.passeidireto.com/arquivo/64247728/>)

LIBERDADE OU SEGURANÇA?



liberdade-ou-seguranca). Para Jean P. Sartre, o homem está condenado a ser livre. Afinal, o que é melhor? Ser livre ou ter segurança? O filósofo polonês Zygmunt Bauman, falecido em 2017, disse que “Uma boa vida depende da harmonia entre segurança e liberdade, mas não dá para ter as duas ao mesmo tempo”. Falou também que é impossível ser feliz na ausência de uma das duas. E que segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é o caos. No conto hindu, Twashtri criou a mulher para que o homem não estivesse sozinho. Após uma semana, o homem procurou pelo deus: “Senhor,

agrade”. A divindade respondeu ao homem que não aceitaria a mulher de volta. O homem ainda argumentou que não podia viver com ela. A resposta do deus hindu veio como um raio: “Nem sem ela!” Virou as costas e foi embora. A angústia do homem no mito hindu é a mesma de muitos homens e mulheres de hoje. Quando solteiros, querem a segurança do casamento; casados, a liberdade de solteiro. O relacionamento mais feliz nos parece seria aquele em que além do amor, mulher e homem se sentissem seguros, sem perder a liberdade. E aí, cada um que a use com responsabilidade.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: <https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos>

Com a palavra OS estudantes

Estudante: **Vitor Bittencourt Ramos**, 12 anos
Aluno do 6ºano Colégio Bom Jesus - Bonja, Joinville

“Achei mais fácil as aulas online, tem muito mais conteúdo. Nas aulas presenciais, às vezes não dava tempo de copiar a rotina, era mais demorado e se a gente perdesse alguma coisa, não tinha como pegar depois. Com as aulas online gravadas, se perdemos algum conteúdo é só escutar a aula novamente, fica no aplicativo da escola. Ficou mais fácil inclusive de estudar para as provas, podemos estudar revendo as aulas.

Os professores também disponibilizam conteúdos e vídeos extras para estudo. A escola já usada o classroom para atividades extras, contribuindo com o estudo dos alunos. Isso facilitou o acesso, não era uma novidade ou algo desconhecido.

No início demorei um pouco a me acostumar com as aulas de idioma online, como não domino muito o inglês, tive mais dificuldade. As aulas eram rápidas, sentia a falta da minha professora e poder perguntar sempre que eu precisasse. Com o tempo fui acostumando e revendo os conteúdos em outros horários.

Como tenho aula todos os dias,

Estudante **Murilo Bittencourt Ramos**, 16 anos
Aluno do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio Bom Jesus

“Um dos pontos positivos de assistir as aulas em casa é a economia. Eu gastava com transporte diariamente e duas vezes na semana precisava estar na escola o dia todo, com isso, precisava almoçar em restaurantes.

As aulas online são ótimas, como as presencias. Tenho aula todas as tardes e duas manhãs. Os professores são criativos e conseguimos aprender com os conteúdos apresentados. Confesso que estou estudando mais. Os professores sempre colocam textos extras e estudos complementares.

Com os colegas, temos contato diariamente nas aulas e no grupo do whatsapp. Acho que estamos nos saindo bem. Mas sinto falta de estar na quadra praticando esportes com a galera, nas aulas de educação física. E, do contato com os equipamentos e experimentos do laboratório, uma aula diferente e interessante”.

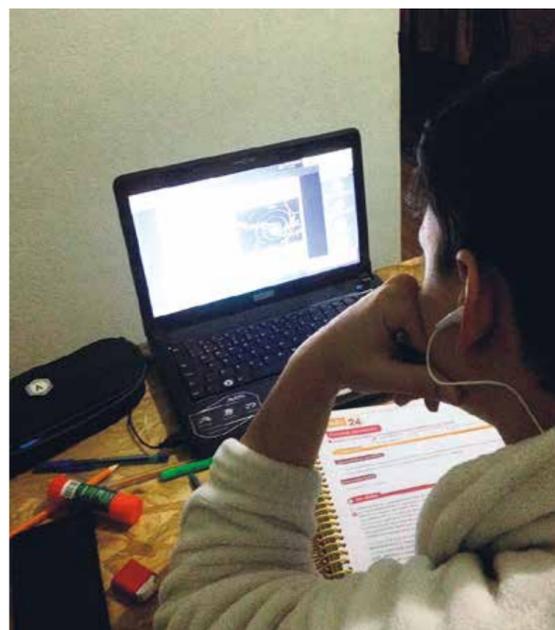


consigo ver e conversar com os meus colegas diariamente. Mas sinto falta de estar com eles, do intervalo e principalmente das aulas de educação física. Fazer exercício sozinho em casa não é nada legal. Em casa não tem espaço, não temos material e muitas vezes podemos até estar fazendo errado os exercícios.

O professor não está vendo, então não sabemos se está certo.

Na aula presencial, o professor vai dando dicas.

Sinto falta também dos meus professores que sempre têm novidades para contar. Não acho chato ficar a tarde toda estudando e escutando a aula online, já estou bem acostumado. Pode até prejudicar um pouco a saúde, mas quando não tinham aulas online fazíamos outras coisas no computador”.



Professor - pesquisador, o Jornal da Educação publica seu artigo científico, artigo de opinião, resenha e relato de experiência pedagógica sem custo algum. Acesse o portal do Jornal da Educação e envie seu texto para avaliação pela banca científica.

www.jornaldaeducacao.inf.br/artigos-cientificos

Aula presenciais continuam suspensas até 12 outubro em Santa Catarina

Sônia Fachini a secretária de Educação de Joinville, fez questão de, logo no início da entrevista, elogiar a proatividade das professoras e professores da rede municipal. Segundo ela, “aprenderam a lidar com muitas ferramentas de uma forma que nunca teve antes”. Acrescentou ainda que a responsabilidade do professor aumentou.

Tecnologias - “Hoje, tanto

os pais, como professores e os próprios alunos, aceitaram que a tecnologia veio para ficar e todos tiveram que aprender. Atualmente muitos se aventuram a gravar vídeos para os alunos. De certa forma, nossa rede é privilegiada, nesta área, pois há mais de uma década entregamos

todos os materiais entregues pelos alunos nas escolas, permanece cinco dias “descansando”, antes de ser repassado aos professores para a avaliação. Outra providência, foi relacionada as 38 creches conveniadas. Elas deixaram de receber o pagamento pelo período integral e também pelos alunos que não estão acompanhando as atividades. No total são 2283 alunos matriculados nos CEIs credenciados.

As demais atividades da secretaria estão em pleno andamento, todos via internet. Está mantido, inclusive o calendário de matrículas para o próximo ano letivo. Durante os meses da pandemia, mais de mil crianças foram matriculadas na rede. “Todas foram encaminhadas para a rede municipal, seguindo o zoneamento”, esclarece a secretária.

Comitê para retorno

- De acordo com o plano de contingência elaborado pelo governo do estado, a ser apresentado aos municípios, as aulas presenciais devem receber cerca de 30% de seus alunos a partir de 13 de outubro. Serão priorizados os alunos das turmas finais, das classes de alfabetização e os com dificuldade para realizar as atividades em casa. Os pais terão liberdade para enviar ou não os filhos para a escola.

Sempre em conjunto com a secretaria de saúde, o Grupo de Trabalho, que estuda o protocolo de retorno às atividades presenciais, estabeleceu também os itens de higiene e limpeza a serem disponibilizados nas escolas visando a segurança de alunos, professores e demais trabalhadores da escola. As aulas serão retomadas de forma híbrida, apenas 30% em sala de aula.



“Fizemos um desenho de acordo com o cenário inicial. Imaginávamos naquele momento que seriam 30 dias de afastamento. Com o tempo, fomos nos adaptando aos pareceres do Conselho Nacional de Educação, do CEE e do Conselho Municipal”, explicou a Secretária de Educação de Joinville, Sônia Fachini.

“Antes ele tinha que planejar para si e para o para o supervisor e diretor da escola. Hoje, o plano de aula precisa ser entendido e cumprido por toda a comunidade”.

Em sua opinião, a grande aprendizagem deste ano foi a dos professores e na relação da escola com a família. Com a pandemia, a escola pode devolver à família as responsabilidades assessorias, que vinha abraçando. Para Sônia, esta é uma grande mudança na relação escola x família. Ou seja, com o ensino remoto, a escola voltou a responsabilizar-se exclusivamente pelo ensino das ciências e ficou mais claro seu papel junto aos seus alunos.

notebooks para os professores. Temos um centro de formação de professores em tecnologias e os 65 integradores de mídia nas escolas e CEIs. As escolas menores são assessoradas pelo núcleo interno da Secretaria.

No início de agosto, 74% dos alunos do ensino fundamental da rede estava acessando as aulas via internet. Entretanto, 2% não está fazendo as atividades. Estas famílias tem sido alvo da chamada busca ativa, aquela em que a equipe gestora da escola procura a família e se não conseguir o retorno da criança, comunica ao Conselho Tutelar. Por orientação do setor da saúde,

Escola municipal utiliza podcast para aulas remotas em meio à pandemia

Os áudios da “Escola do Futuro-EBM Tapera” estão disponíveis nas principais plataformas, como Anchor, Spotify e Google podcasts

Florianópolis - Para os estudantes e familiares, a Escola Básica Municipal de Florianópolis Tapera está criando podcasts. Por essa ferramenta online, são disponibilizados mensagens e os mais diversos conteúdos para os ouvintes, como se fosse um programa de rádio. Já estão disponíveis áudios de Matemática, Geografia e Artes e de contação de histórias.

O acesso gera menos uso de dados no celular, por exemplo, do que assistir a um vídeo.

A ideia, conforme a professora tecnologia educacional, Iracema Munarim, é que essa mídia seja mais um elemento de ensino e aprendizagem que se mantenha mesmo após o final do distanciamento social.

Há encontros semanais dos professores da escola para aprenderem juntos como fazer um podcast, dialogar sobre planejamento coletivo e da importância de roteiros bem definidos para atingir metas.

Diz Iracema Munarim que não basta querer fazer um podcast, “é

preciso saber o que gravar, como gravar, por que gravar algo e estabelecer uma identidade aos nossos programas e vínculo com nossos ouvintes”.

O projeto foi idealizado pela Iracema e pela Mirian Espindula, também professora de tecnologia educacional. Mas, teve todas as etapas planejadas e executadas pelos professores que participam reuniões e que estão muito empolgados com o novo projeto, assinala Mirian.

Para o secretário de Educação, Maurício Fernandes Pereira, o projeto aproxima os estudantes de seus professores. “Eles podem ouvir e matar a saudade daqueles que gostaríamos que tivessem bem pertinho, mas que por conta da pandemia é impossível nesse momento”.

O podcast da EBM Tapera está disponível nas principais plataformas de podcast, como Anchor, Spotify e Google podcasts.



Coordenação: Professor Dr Leandro Villela de Azevedo

Com certeza o estudo remoto por conta da quarentena deixou muitos dos professores, alunos e pais meio perdidos. Era muita novidade para assimilar em pouco tempo. Um esforço para se estabelecer uma infraestrutura que sustentasse um fluxo tão grande de dados desde a escola até as casas e aparelhos de cada aluno. Extremamente político, criado às pessoas no meio de uma emergência. Alguns enxergam como o próximo passo natural para evolução da escola, outros não vêm a hora de poderem voltar as salas de aula com carteiras enfileiradas e uma boa lousa e giz. Afinal, a escola sempre foi desta forma, não é? Por que teria que mudar?

Então, eis que vem o historiador no seu papel social e diz, não, a escola nem de longe foi sempre assim. Esse modelo de escola que nos parece eterno por existir desde a época de nossos bisavôs surgiu no século XIX, e nem mesmo é padrão em todo o mundo na atualidade. A educação em massa é criação da França napoleônica e servia

(será que isso seria equivalente a que produções culturais de hoje, vídeos no Youtube ou programação de jogos?)

Na Austrália, que é um país extremamente vasto territorialmente, mas com muito menos população (tendo um tamanho quase igual ao do Brasil sua população é praticamente metade da do Estado de São Paulo) juntar muitas pessoas em um mesmo lugar para criar uma escola podia ser um grande desafio. Isso nas grandes cidades certamente não era problema, mas a maior parte do país é formado de zona rural, e devido ao alto nível de aridez do solo elas são muito afastadas entre si. Por outro lado, a ideia de direitos para todos forçou esse país muito antes de qualquer pessoa ter um PC em casa (quem dirá ter um celular) a ter ensino remoto. Na década de 70 a educação via rádio já tomava uma boa porcentagem do país territorialmente falando (não rádio desses de rádio, mas dos que chamamos de amadores, que você pode transmitir voz além de receber voz) Isso significa que lá o ensino remoto foi um sucesso, sem ter

Estudo a distância – uma novidade tão nova assim?

para formar soldados, prontos a obedecer, andar em fileiras, terem treinamento físico e conhecimentos básicos de sobrevivência em guerra, além de um imenso amor à pátria prontos a matar ou morrer por ela. Passando por isso a Prússia (que depois vira Alemanha) deu um passo a mais no modelo para o adaptar à revolução industrial que chegava forte a este reino. O modelo anterior, que se mantinha desde a idade média, era baseado em atividades bem mais práticas, especialmente se comparados aos atuais.

Na mesopotâmia antiga um aluno antes de começar a aprender a escrever iria aprender a fazer argila, e então tabuinhas de argila (que era o material no qual ele escrevia) podemos dizer que ele produzia o seu próprio material escolar. Além disso conhecer cerâmica em uma sociedade onde qualquer tudo era feito de argila parecia algo que fazia todo o sentido. Nas escolas jesuítas, especialmente na América, aprendia-se artesanato desde cedo, mas não somente isso, também se aprendia através do teatro. Na verdade, uma porcentagem bem significativa do aprendizado era feita por meios de produção cultural como peças, músicas e afins

quase nenhuma das ferramentas que nós temos hoje, e foi justamente nesse modelo que o país deu um salto de crescimento econômico entre as décadas de 70 e 2010.

Sendo bem sincero, como opinião do autor desse artigo, novos modelos educacionais são sempre bem vindos e necessários, o problema não são os modelos, mas são quando a prioridade do governo é ter aparência de um ensino sem o ensino ocorrer de forma real? Isso no Brasil não é novidade, de movimentos de alfabetização que apenas ensinavam as pessoas a escreverem seus próprios nomes a cursos superiores via EAD que na prática são apenas um vídeo gravado anos atrás com provas previamente programadas, um curso sem professores. Afinal algo nunca mudou entre nenhum desses modelos citados, a essência da educação independente de seus objetivos e modelos sempre foi a relação entre professor e aluno.

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradiáticos.

PROFESSOR, conte para o JE como está sendo sua experiência de trabalho via internet.



Mande seu depoimento ou

sugestão de pauta para:

E-mail: jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br
ou (47) 984150630 whatsapp

www.jornaldaeducacao.inf.br

facebook.com/Jornal da Educaçao



www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital

Aguardamos seu artigo para a próxima edição do JECC

-Pesquisador, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela comissão científica que prepara a Terceira edição da revista científica Catarinense da educação JECC.

Acesso nossa página e verifique as regras para envio pelo e-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br ou telefone/whats (47) 984150630.

As duas primeiras edições do JECC, a revista científica digital do Jornal da Educação estão disponíveis no endereço: www.jornaldaeducacao.inf.br

inf.br/edicao-digital-pdf.html), sem restrição de acesso.

A segunda edição teve a coordenação científica de Norberto Dallabrida (UDESC) e Douglas Leutprecht (UNISOCIESC).

A Comissão científica coordenada por Norberto Dallabrida já está analisando, emitindo parecer e selecionando os trabalhos para a terceira edição.

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.

Unicamp cria “Quando tudo isso passou” curta metragem para refletir

Instituto de Artes da Unicamp e o Núcleo de Cinema de Animação de Campinas (NCAC) se juntaram à “Força Tarefa - Unicamp contra Covid-19” e produziram o curta-metragem “Quando tudo isso passou”, um desenho animado com reflexões sobre a pandemia do coronavírus.

O curta-metragem traz a história de uma cientista que busca o remédio para doença, mas que, além da pesquisa e das questões ligadas à saúde física e hábitos de higiene, reflete sobre como a solidariedade, compreensão e o amor são essenciais em tempos de pandemia. O filme está disponível no canal da TV Unicamp no YouTube, neste link: <https://youtu.be/9a4QI7aTq4Y>.



O texto é do próprio diretor, Wilson Lazaretti, professor do Instituto de Artes da Unicamp, com contribuições de oito ex-alunos do curso de Artes Plásticas da Unicamp, com cada um trabalhando remotamente de sua casa.

A produção é de Maurício Squarisi, do Núcleo de Cinema de Animação de Campinas. Uma das envolvidas é a jovem Isabella Brum, 20 anos, estudante do segundo ano de Artes Visuais da Unicamp.

“A gente trata deste tema do coronavírus de uma forma um pouco mais lúdica. É um vídeo com um caráter mais esperançoso, para levar uma luz para as pessoas”, comenta ela, que vê no projeto também uma oportu-

nidade de evoluir e aprender mais a técnica da animação.

Força Tarefa – Unicamp contra Covid-19

A Força Tarefa Unicamp contra a Covid-19 é uma iniciativa da Universidade Estadual de Campinas que coloca a serviço da sociedade sua infraestrutura e todo o recurso humano e financeiro na luta contra um dos maiores males da história da humanidade.

Hoje, a Força Tarefa Unicamp contra a Covid-19 trabalha arduamente junto aos governos municipal, estadual e federal para conseguir os recursos necessários para ampliar cada vez mais sua capacidade de atuação. Para saber mais: <http://www.ftcovid19.unicamp.br/index.html>



[f institutorei](https://www.facebook.com/institutorei)
[i institutorei](https://www.instagram.com/institutorei)
[\(47\) 3422.8906](tel:(47)3422.8906)
irei.com.br

IREI Clínica

Estética Facial

ACNE, OLHEIRAS
CLAREAMENTO DE MANCHAS
PEELING DE DIAMANTE, QUÍMICO E ENZIMÁTICO
FOTOTERAPIA FACIAL
REJUVENECIMENTO, FLACIDEZ
ALOPECIA (QUEDA DE CABELO)
LIMPEZA DE PELE PROFUNDA
DRENAGEM LINFÁTICA FACIAL
MICROCORENTES, DEPILAÇÃO FACIAL
REVITALIZAÇÃO, HIDRATAÇÃO PROFUNDA

Estética Corporal

ESTRIAS E CELULITE
FLACIDEZ CORPORAL
GORDURA LOCALIZADA E FOLICULITE
DEPILAÇÃO E CLAREAMENTO DE PELOS
PRÉ E PÓS OPERATÓRIO
GOMAGEM + HIDRATAÇÃO CORPORAL
LASERTERAPIA E TRATAMENTOS COM APARELHOS

Massagens

SHIATSU, RELAXANTE E SUECA
DRENAGEM LINFÁTICA
TERAPÊUTICA DA COLUNA
PONTOS DE TENSÃO COM LASER
E DESATIVAÇÃO MANUAL

Podologia

ONICOMICOSE
UNHAS ENCRAVADAS
CALOSIDADES
VERRUGA PLANTAR
FISSURAS, RACHADURAS
CORREÇÃO DA CURVATURA DA UNHA
CUIDADO COM OS PÉS DIABÉTICOS

IREI INSTITUTO
REFERÊNCIA
EM EDUCAÇÃO
INTEGRADA